



## QUEM SÃO OS RUSSOS?

Quem são os russos? Esta é uma pergunta mais difícil de responder do que parece a princípio. Como já mencionado, na língua russa há duas palavras para “russo”: uma se refere ao russo étnico, filho de pai ou mãe russa. E a outra está associada aos nascidos em território russo. Essa diferenciação está relacionada à forma como a nacionalidade é definida lá. Enquanto aqui é brasileiro quem nasce no Brasil, na Rússia, a nacionalidade é definida pelo sangue. Assim, o filho de um casal de imigrantes japoneses no Brasil, de primeira geração, é considerado imediatamente de nacionalidade brasileira. Já o filho de um casal imigrante japonês nascido na Rússia seria considerado de nacionalidade japonesa e não russa. Ou seja, o conceito do *jus sanguinis* eterniza as diferenças étnicas no país.

Um exemplo concreto. Quando cursava meu mestrado na URSS, na época da Perestroika, eu tinha um amigo que sempre considerei russo (*russkii*). Depois descobri que ele era, por nacionalidade, alemão. Apesar de ter nascido na Rússia e nunca ter pisado na Alemanha, sua nacionalidade foi definida pelos ascendentes. E sua descendência será também sempre alemã (a não ser que ele se case com uma russa étnica e prefiram dar aos filhos a nacionalidade da mãe).

Naquela altura da Perestroika (1989-1990) haviam começado a pipocar vários conflitos interétnicos na URSS (armênios *vs.* azerbaijanos, uzbeques *vs.* quirguizes etc.). Intrigado por esse princípio de *jus sanguinis*, que eterniza as diferenças entre nacionalidades na Rússia, eu perguntei a este meu amigo “alemão”: “Escute, este sistema de vocês não gera estas tensões interétnicas? Afinal, no Brasil, por exemplo, todo mundo acaba virando brasileiro e ninguém nem sabe direito de onde a família do outro veio originalmente”. Ao que ele me respondeu com outra pergunta: “Escuta, se você e sua esposa brasileira emigrarem para a Austrália e seu filho nascer lá, ele será australiano?” Eu respondi: “Sim, é claro”. Ao que ele retrucou: “Mas você não vai manter viva sua cultura brasileira?” Aí me dei conta de que o mais importante para eles é a *cultura* (e não o sangue biológico em si, que é igual em todos os seres humanos). Para eles, o que vale para determinar a nacionalidade é a preservação da cultura: o local onde você nasce é mero acidente. “Suponha que você e sua esposa em viagem façam uma escala

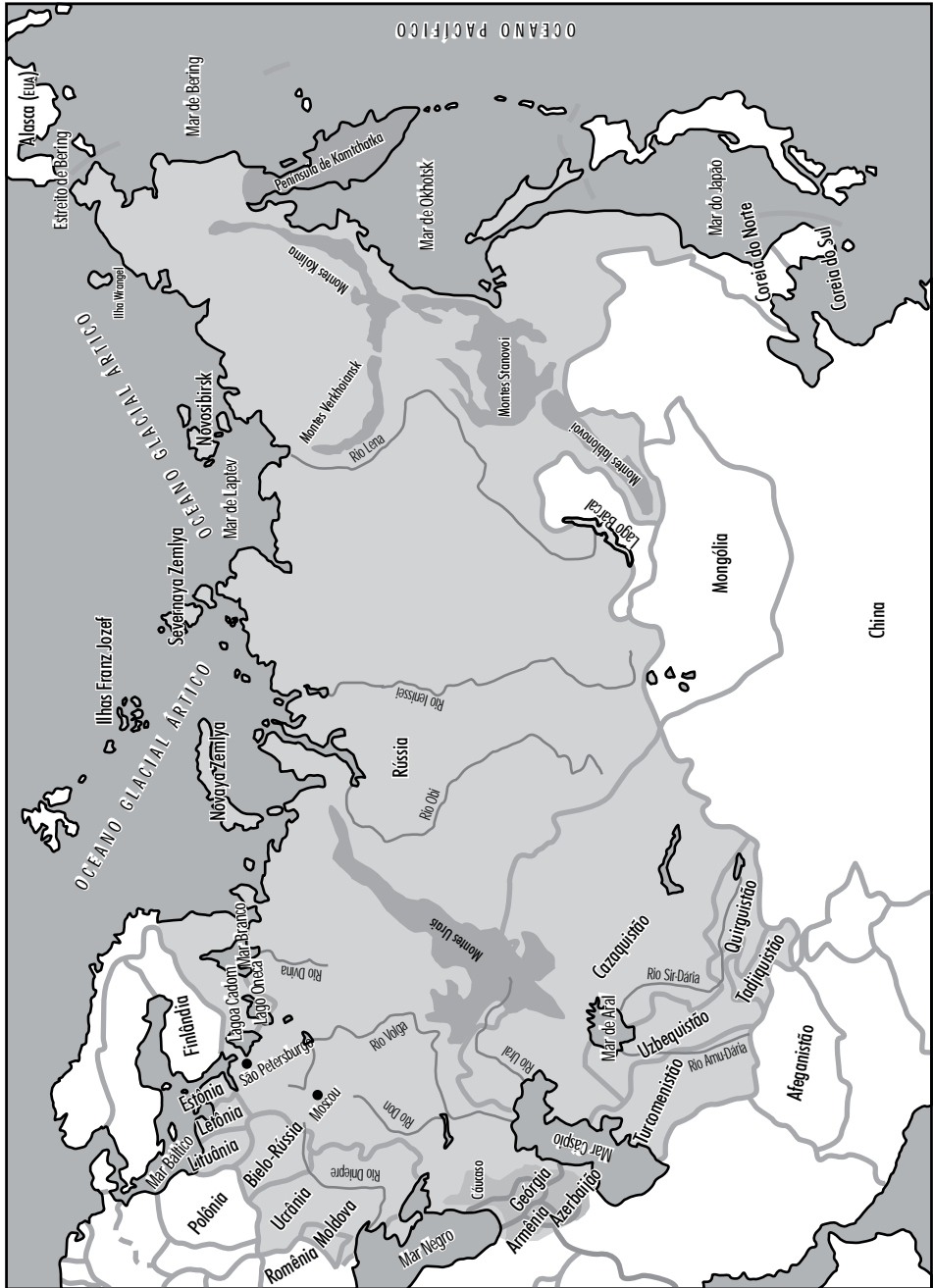
aérea em Timbuktu na África e seu filho nasce lá: ele vai ser malinês e não brasileiro apenas por isso?”, arrematou meu amigo “alemão”.

Esta ênfase na cultura, na preservação do modo de vida de um povo, é central para os russos. Para nós, brasileiros, que já nascemos em um “caldeirão misturado” talvez seja difícil compreender tal perspectiva. A situação mais próxima que temos é a de índios nativos do Brasil que se consideram uma nação separada. Na Rússia, cada etnia se considera uma nação, ou nacionalidade, separada (todas compartilhando, é claro, a mesma cidadania da Rússia e direitos políticos inerentes).

Em suma, quando falamos da Rússia, estamos falando de dezenas de culturas diferentes compartilhando um mesmo espaço e interagindo. A que nacionalidades nos referimos? O primeiro passo para entender este mundo intricado é observar o mapa da antiga União Soviética (p. 17). Pelo mapa, podemos ver que a União Soviética era composta de quinze repúblicas constitutivas: as três eslavas (Rússia, Ucrânia e Bielo-Rússia), as três do mar Báltico (Estônia, Lituânia e Letônia), as três separadas da Rússia pela cadeia de montanhas do Cáucaso (Geórgia, Armênia e Azerbaijão), a Moldova e as cinco repúblicas islâmicas da Ásia central (Cazaquistão, Uzbequistão, Turcomenistão, Tadjiquistão e Quirguistão). Somente aqui temos, então, as chamadas 15 nacionalidades titulares (ou principais) de cada república constituinte da URSS. O problema é que dentro de cada uma dessas repúblicas reproduzem-se dezenas de outras nacionalidades (e subnacionalidades) menos numerosas, como esquimós, alemães, coreanos, chechenos, judeus, ossetas etc. E praticamente todas essas nacionalidades têm representantes na Rússia atual, em pé de igualdade em termos de direitos jurídicos de cidadania, mas diferindo enormemente em termos de cultura, modo de vida e hábitos.

Essa variedade pode ser mais bem compreendida se integrada com um estudo mais detalhado da geografia do país, que é o assunto do próximo capítulo. Antes, porém, gostaria de relatar um episódio exemplar do olhar brasileiro sobre os russos. No último ano da existência da URSS, um professor correu uma pesquisa entre alunos estrangeiros pedindo para listar as características mais marcantes dos russos (*russskie*). As cinco características mais citadas entre os brasileiros foram as seguintes: 1) introvertidos; 2) gregários; 3) intelectuais; 4) ligados à natureza; 5) brutos. A pesquisa visava apenas colher impressões, não tinha metodologia científica. Mas os resultados iluminam aspectos da vida russa.

A primeira característica – *introvertidos* – foi citada por brasileiros, mas não pelos alunos europeus, por exemplo. Talvez simbolize um pouco da diferença da cultura brasileira e da russa. Os brasileiros (e quanto mais para o norte no Brasil mais essa característica vai se acentuando) costumam ser bastante expansivos e comunicativos.



Mapa dos países da antiga União Soviética.

Um carioca, acostumado no Rio de Janeiro a falar e ter contato fácil com estranhos na rua, em Moscou achará o russo fechado ao primeiro encontro, pois os contatos com estranhos não acontecem tão facilmente assim. Em geral, os russos são aceitos no grupo ao serem introduzidos por terceiros conhecidos comuns. Mas, uma vez que os russos considerem uma pessoa amiga, tornam-se amigos muito confiáveis. Nesse ponto, Moscou e Rio de Janeiro têm padrões opostos. Muitas vezes, estrangeiros no Rio de Janeiro ficam maravilhados com a facilidade de fazer um primeiro contato, mas decepcionados ao ver que isso não resulta em uma amizade profunda.

A segunda característica – *gregários* – é uma consequência da própria história russa. Num país onde o coletivismo sempre esteve presente (exacerbado enormemente pela experiência socialista soviética), os russos têm um forte espírito de grupo. O aspecto de ajuda mútua aos amigos foi um lado que se desenvolveu muito no período soviético. Há também um elemento de “classe” nesse aspecto. No período soviético, uma época em que ocasionalmente faltavam vários produtos, a ajuda mútua entre amigos era uma das estratégias de sobrevivência utilizadas para superar dificuldades. Isso me lembrava o Brasil, onde as classes baixas e pobres costumam se ajudar mais umas às outras (“açúcar para o vizinho agora, para ele emprestar o sal depois” etc.) que as classes abastadas.

A terceira característica – *intelectuais* (ou seja, ligados à cultura) – pode estar relacionada tanto com a primeira mencionada, *introvertidos*, quanto com o clima frio, associado ao ensimesmar-se, ao voltar-se ao mundo interior da mente. É fato que os russos, em especial durante o período soviético (em que livros e jornais tinham preços muito baratos), eram um dos povos que mais liam. Se no Rio de Janeiro os cariocas em filas conversam uns com os outros, na URSS as pessoas leem nas filas, nos ônibus, no metrô e em qualquer lugar público. Uma vez brinquei com um amigo que eu lia com mais tranquilidade no metrô moscovita (onde a maioria das pessoas estava lendo ou em silêncio) do que na biblioteca da minha universidade no Brasil, onde no grande salão de leitura eram comuns as conversas em voz alta entre os grupos de alunos.

A quarta característica – *ligados à natureza* – é uma consequência das condições geográficas que vão ser exploradas no próximo capítulo. Grande parte da região da Rússia central se encontra na taiga, a maior concentração de florestas do mundo. Moscou e muitas cidades russas foram construídas literalmente no meio de florestas, o que, juntamente com o planejamento urbano, as leva a ter uma das maiores concentrações de parques e florestas urbanas em comparação com qualquer outro país. Os russos, desde cedo, costumam acampar, ter *dacha* (casa de campo) onde cultivam hortaliças. O intenso contato com a natureza por parte dos russos fazia com que eu fosse conhecido como um *gorodskoi paren'* (um gajo urbano) entre meus amigos russos, pois eu



Os russos convivem com um inverno rigoroso. Mesmo que os belos parques da capital continuem a ser frequentados no frio, o clima contribui, segundo algumas teorias, para que o povo seja introvertido e voltado ao seu mundo interior.

não sabia acender fogueira nem fazer acampamento. Uma das minhas experiências mais sublimes na União Soviética ocorreu certa vez em que fui acampar no inverno (gelado!) com amigos (sim, se acampa até no inverno lá!) e ao caminharmos pela floresta com temperaturas abaixo de zero, ouvi sons de toc-toc-toc como se houvesse um imenso pica-pau na floresta bicando as árvores. Qual não foi minha surpresa ao ver um homem sozinho, no meio da floresta gelada, cortando árvores para construir, ele mesmo, sua *dacha*. Senti-me de volta na época dos pioneiros! Em tempo, essas casas de campo eram erguidas em terrenos que o governo dava a quem quisesse construir e plantar hortaliças para incrementar a produção alimentar familiar. Estavam mais para as casas que pessoas pobres ou de classe média baixa constroem com seus próprios esforços no Brasil que para uma casa de campo luxuosa brasileira.

A quinta característica mais votada – *brutos* – nas discussões posteriores se revelou ligada a dois fatores. Politicamente, estrangeiros viam o Império Czarista e a União Soviética como imperialistas, subjugando seus conquistados e satélites. Além disso, foi muito citado que no espaço público os russos empurravam as pessoas, não pediam desculpas e as vendedoras soviéticas tratavam mal os clientes nas lojas, chegando a gritar com eles. Sobre a parte histórica, falaremos adiante. Sobre o dia a dia, acredito que o fato de a pesquisa ter sido realizada na capital pode ter influenciado o resultado. Moscou é uma metrópole, anônima e, realmente, no metrô o pedestre moscovita é mais selvagem que o motorista brasileiro no trânsito de carro. Mas não será essa uma característica das grandes cidades com transportes públicos entupidos? Lembro-me de que eu mesmo me assustei com a primeira vez na hora do *rush* do metrô em São Paulo, tal a quantidade de gente se amontoando para cá e para lá e o anonimato que vem embutido em qualquer megalópole. Finalmente, os destratos aos clientes nas antigas lojas soviéticas ou nas repartições públicas russas seriam assim tão piores do que aqueles encarados por um brasileiro na fila de INSS para conseguir vaga em hospital público? Parece-me que as diversas nações têm seus subsolos “negativos” que precisam ser mostrados sim, mas sem perder a perspectiva mais geral.

Impressões e comparações foram uma constante em minhas longas estadas tanto na URSS quanto na Federação Russa. Descrições impressionistas não são científicas, mas são humanas. Aqui e ali, ao longo deste livro, deixarei escapar quadros de pequenos episódios que aconteceram comigo e que talvez possam ajudar a iluminar e ilustrar algumas facetas das vidas dos russos.

Dito isso, passemos a uma descrição do que é a Rússia em termos físicos.